

D. ANTÓNIO COUTO

INTRODUÇÃO AO
EVANGELHO SEGUNDO
MARCOS



APRESENTAÇÃO

O Evangelho segundo Marcos conhece, nos tempos que correm, um sucesso surpreendente. Além da proliferação de estudos e comentários, o sinal mais marcante do interesse que desperta está na sua subida aos palcos. De facto, renomados atores têm dito este Evangelho nos palcos de Londres, Nova Iorque, Paris, Atenas, Roterdão, Bruxelas¹.

Tamanha relevância contrasta com o esquecimento a que foi votado a partir do século II. É sintomático que, do século III ao século XI, não consigamos encontrar dois comentários completos deste Evangelho. Entre os padres latinos, possuímos algumas homilias de São Jerónimo, e um único comentário completo, de Beda o Venerável (século VIII). Entre os padres gregos, há ainda menos. Ao fazer de Marcos um «Mateus abreviado», Santo Agostinho e os seus herdeiros atiraram Marcos para a sombra e para a gaveta². Marcos passou assim a ser visto, não só como posterior no tempo a Mateus e Lucas, mas também como um corpo desvalorizado, dado tratar-se de um simples resumo empobrecido. Foi preciso esperar pelo século XIX para que os estudos em torno da «questão sinóptica» restituíssem a Marcos a precedência no

¹ B. STANDAERT, *L'évangile selon Marc. Commentaire*, Paris, Cerf, 2.^a ed. revista e aumentada, 1997, p. 13.

² STANDAERT, p. 14; M.-J. LAGRANGE, *Évangile selon Saint Marc*, Paris, J. Gabalda, 1947, p. xxxiv.

tempo sobre Mateus e Lucas³. Não obstante o reconhecimento da sua anterioridade, o Evangelho de Marcos continuou ainda durante décadas a fio a ser pouco compreendido, e era lido apenas em função dos outros três⁴. Tenha-se presente que até ao Concílio II do Vaticano, na liturgia de rito romano, para além do relato da Paixão em terça-feira santa, apenas mais quatro perícopes deste Evangelho eram proclamadas durante o inteiro ano litúrgico⁵.

Como explicar então que Marcos tenha sido votado ao esquecimento e ao apagamento durante tanto tempo, quando se verifica a sua alta importância no século I? Esta relevância no século I fica claramente exposta e manifesta no próprio facto de os outros três evangelhos, segundo Mateus, Lucas e mesmo João, distanciando-se embora da linguagem, se terem mantido fiéis ao plano da composição e ordenação dos factos constante no Evangelho segundo Marcos⁶. Mas a que se deve, volto a perguntar, o escondimento de Marcos durante tanto tempo? Ou, fazendo a pergunta de outra maneira, quais são as razões que, nos nossos dias, desde as últimas décadas do século XX até hoje, nos levaram a redescobrir o Evangelho segundo Marcos? E aqui a resposta torna-se óbvia. As Igrejas de hoje voltaram a ser minoritárias, diluídas no meio de uma sociedade pagã, indiferente e até hostil. Por vezes, são mesmo perseguidas até ao sangue, como temos visto e continuamos a ver cada vez mais em El Salvador, no Chile, Zaire, Polónia, Vietname, Cambodja, Algéria, Etiópia, Nigéria, Quénia, Síria, Paquistão, Iraque, e em muitos outros lugares. Acontece que, quando Marcos escreve o seu Evangelho, provavelmente em Roma (segundo, traduzindo e escrevendo o Evangelho de Pedro?), nos conturbados anos da guerra judaica (66-70)⁷,

³ X. LÉON-DUFOUR, *Les Évangiles Synoptiques*, in A. GEORGE, P. GRELOT (eds.), *Introduction critique au Nouveau Testament*, vol. II, Paris, Desclée, 1976, p. 33.

⁴ STANDAERT, p. 15.

⁵ STANDAERT, p. 14.

⁶ STANDAERT, p. 15

⁷ LÉON-DUFOUR, p. 70.

as Igrejas são igualmente minoritárias e encontram-se diluídas na sociedade imperial romana, cuja xenofobia era proverbial⁸. As assembleias litúrgicas cabem no espaço de uma simples casa (Mc 1,29.33; 2,1; 3,20; At 12,12; 20,8).

Conhecem, além disso, a perseguição e a repressão, quer por parte dos romanos, que confundem cristãos com judeus, quer por parte dos judeus bem colocados na sociedade romana, que veem a “seita” da Galileia no seguimento dos zelotas e a acusam como bode expiatório dos trágicos acontecimentos da guerra judaica⁹. São tempos de resistência e de angústia, em que a traição anda à solta: «Serei eu?» (Mc 14,10-11.18,21). De resto, os cristãos guardam na memória a morte violenta dos seus dirigentes: Pedro e Paulo em Roma alguns anos antes, Tiago, filho de Zebedeu, e Tiago, irmão do Senhor, em Jerusalém, respetivamente nos anos 44 e 62.

Compreende-se assim o grau de exigência que Marcos requer do discípulo de Jesus para o seguir no *caminho* até ao fim (Mc 8,27-10,52). Compreende-se também, neste contexto, a técnica narrativa do chamado “segredo messiânico”. Não porque Jesus não queira que se diga quem Ele é, mas porque se pretende evitar todo o dizer tradicional e convencional, fácil, por ouvir dizer, que não implica a pessoa naquilo que diz. Marcos pretende que o discípulo de Jesus se implique naquilo que diz, dizendo Jesus e dizendo-se face a Jesus, no duro caminho da Galileia até à Cruz.

Para levar cada discípulo, ouvinte ou leitor, a aprender a dizer Jesus e a implicar-se a dizer Jesus seguindo-O pessoalmente no caminho, Marcos dá ao seu Evangelho uma estrutura quiástica, colocando bem no centro «*o seguimento de Jesus no caminho*» (Mc 8,27-10,52).

⁸ STANDAERT, p. 17.

⁹ STANDAERT, p. 18.

A estrutura de Marcos será substancialmente decalcada por Mateus e Lucas, emprestando-lhe cada um, no entanto, o seu cunho pessoal.

Note-se ainda que Mateus e Lucas escrevem os seus evangelhos uns dez ou quinze anos depois de Marcos, estando já os cristãos, nessa altura, numa situação bem diferente no seio do Império. A situação de perseguição, bem patente em Marcos, já passou. Os cristãos são já uma entidade ampla e plural, bem reconhecida na «cidade»¹⁰.

E, de certo modo, assim continuaram até aos séculos XIX e XX. Durante todo este tempo, as comunidades cristãs, maioritárias e mais ou menos instaladas, não tiveram necessidade de Marcos. Compreende-se assim que o tenham deixado cair no esquecimento. E também se compreende porque é que hoje, em que, em termos eclesiais, vivemos situações idênticas às do mundo que viu nascer este Evangelho, tenha sido novamente trazido para a ribalta. E compreende-se ainda que a sua leitura tenha até sido interdita¹¹.

É este texto fortíssimo, que não pretende apenas informar, mas sobretudo persuadir em tempos de crise¹², e que, por isso mesmo, ganha em ser lido em voz alta, que agora entrego ao leitor.

É o companheiro ideal de *Quando Ele nos abre as Escrituras Domingo após Domingo. Uma leitura bíblica do lecionário (Ano B)*, já publicado pela PAULUS Editora.

¹⁰ STANDAERT, p. 20-21.

¹¹ Nos anos de 1975 e de 1976, foi publicada na Etiópia uma lista oficial de leituras interditas. É sintomático que, entre as obras proibidas figure, além de *A Divina Comédia*, de Dante, e *Hamlet*, de Shakespeare, também o Evangelho de Marcos.

¹² B. WITHERINGTON III, *The Gospel of Mark. A Socio-Rhetorical Commentary*, Grand Rapids-Cambridge, Eerdmans, 2001, p. 9.

CAPÍTULO I

À PORTA DO EVANGELHO DE MARCOS

1.1. Evangelho

O Evangelho (*eu-aggélion*) é uma notícia feliz, surpreendente, desconcertante e transformante que, vinda desde fora, invade e transforma a nossa vida¹. Mostram bem essa nova e boa realidade os versos do profeta e místico anónimo do Exílio, que a crítica conhece por Dêutero-Isaías:

52,⁷ Como são belos sobre os montes os pés/ do EVANGELISTA (*m^ebasser*),/ que nos põe à escuta (*mashmîa'*) da PAZ (*shalôm*),/ um EVANGELISTA (*m^ebasser*) de BONDADE (*tôb*),/ que nos põe à escuta (*mashmîa'*) da SALVAÇÃO (*y^eshû'ah*),/ que diz a Sião:/ «REINA O TEU DEUS!» (*malak èlohayik*) (Is 52,7).

Tendo recebido a notícia, é agora a própria cidade evangelizada que grita de alegria e se transforma em evangelista:

52,⁸ A voz das tuas sentinelas,/ elas levantam a voz,/ juntas gritam de ALEGRIA,/ porque olhos nos olhos elas veem,/ é YHWH que volta (*shûb*) a Sião./ ⁹ALEGRAI-VOS,/ gritai de ALEGRIA todas juntas,/ ruínas de Jerusalém,/ porque FAZ GRAÇA (*niham*) YHWH ao seu povo,/ Ele REDIME (*ga'el*) Jerusalém./ ¹⁰Descobre

¹ C. DI SANTE, *Gesù. Come incontrarlo nei vangeli*, Verucchio, Pazzini, 2004, p. 20.

YHWH o seu braço santo,/ aos olhos de todas as nações./ Verão todos os confins da terra/ a SALVAÇÃO (*y^eshû'ah*) do nosso Deus (Is 52,8-10).

40,⁹Sobe a uma alta montanha, EVANGELISTA (*m^ebasseret*) Sião,/ levanta com força a tua voz, EVANGELISTA (*m^ebasseret*) Jerusalém;/ levanta-a, não temas,/ diz às cidades de Judá:/ “Eis o vosso Deus,/ ¹⁰eis o Senhor YHWH!/ Com poder Ele vem,/ no seu braço a soberania para Ele,/ eis o Seu salário com Ele,/ e a Sua recompensa diante d’Ele./ ¹¹Como um pastor o seu rebanho apascenta,/ com o Seu braço, reúne-o,/ no Seu colo os cordeiros carrega,/ as ovelhas que amamentam conduz com carinho (Is 40,9-11).

A abrir o Evangelho de Marcos encontramos, em jeito de título, recapitulação, ponto de confluência, analepse e prolepse, a expressão:

1,¹Início do EVANGELHO de JESUS Cristo [Filho de Deus] (*Archê toû euaggéliou Iêsoû Christoû [hyioû theoû]*) (1,1).

A expressão «Evangelho de Jesus Cristo» (1,1), como a que encontramos um pouco mais à frente «Evangelho de Deus» (1,14), deve ser vista como um genitivo geral, em sentido forte, ao mesmo tempo subjetivo (Evangelho trazido por Jesus Cristo / Deus e por Ele anunciado) e objetivo (Evangelho que diz respeito a Jesus Cristo / Deus). Jesus Cristo é, portanto, o anunciador desta Notícia Feliz, que é o Evangelho, mas Ele é, ao mesmo tempo, a própria Notícia Feliz, o próprio Evangelho, fazendo da inteira história e modo de dizer e fazer de Jesus um Evangelho².

² E. R. MARTINEZ, *La sequela di Gesù Cristo nel Vangelo secondo Marco*, Roma, Pontificia Università Gregoriana, 2.^a ed., 2000, p. 26; ver também M. VIRONDA, *Gesù nel Vangelo di Marco. Narratologia e cristologia*, Bolonha, EDB, 2003, p. 43 e 267; B. MAGGIONI, *Il racconto di Marco*, Assis, Cittadella, ed. renovada e ampliada, 2008, p. 28.

Na verdade, o nome «Evangelho» (*euaggélion*) nunca evocou, nem entre os pagãos, nem entre os hebreus, nem entre os cristãos, a imagem de um livro. Evoca muito mais a imagem do mensageiro que corre para transmitir uma notícia, como a da vitória de Maratona, ou do profeta que atravessa as montanhas para levar a Sião uma notícia de salvação (Is 52,7). Se o próprio Jesus, como é comumente admitido, empregou este termo, quer dizer que, para ele, o «Evangelho» era a sua própria missão itinerante, centrada na vinda do Reino de Deus. E, para a Igreja primitiva, era seguramente a sua própria proclamação de que Cristo morreu e ressuscitou por nós e para nós³.

E o termo «início» (*archê*) diz-nos que, em relação ao passado, surge aqui algo de novo. E que este algo não é alguma coisa, mas Alguém, vindo de Deus, há muito ansiado na Escritura inteira, mas, ainda assim, no que às nossas expectativas diz respeito, completamente inesperado e surpreendente. Por outro lado, adverte o leitor e o anunciador do Evangelho de todos os tempos, que o Evangelho não nos surgiu assim já todo feito, mas que teve e tem um «início», que é Jesus Cristo, a Quem será sempre necessário voltar para o podermos e sabermos anunciar. E é sempre necessário voltar a este «início», não apenas para entendermos Jesus, mas também para nos entendermos a nós mesmos. Assim também a Igreja, para entender Jesus e para se entender a si mesma, deve constantemente voltar a esta fonte⁴.

A presença do título «Filho de Deus» (*hyioû theoû* ou *hyioû toû theoû*), embora estando ausente em alguns importantes manuscritos antigos, está amplamente documentada no texto ocidental e na família alexandrina e em muitos outros documentos, pelo que a versão longa, que inclui o título «Filho de Deus», é a mais plausível, possível e provável, tendo em conta ainda as

³ V. FUSCO, *Le titre «Évangiles» comme phénomène de réception*, in L. PANIER (ed.), *Le temps de la lecture. Exégèse biblique et sémiotique (Recueil d'hommages pour Jean Delorme)*, Paris, Cerf, 1993, p. 327.

⁴ MAGGIONI, p. 27-28.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
--------------------	---

CAPÍTULO I À PORTA DO EVANGELHO DE MARCOS

1.1. Evangelho	9
1.2. Evangelho em forma narrativa	20
1.3. Fazer acontecer o Evangelho.....	25
1.4. «Situação vital» do Evangelho de Marcos	26
1.4.1. Quem é Marcos?	26
1.4.2. Onde, quando e para quem escreve Marcos?	30
1.5. Estrutura do Evangelho de Marcos.....	32

CAPÍTULO II QUEM É JESUS? À PROCURA DA IDENTIDADE DE JESUS

2.1. As perguntas	39
2.2. Dizer JESUS	40
2.2.1. O dizer do povo (6,14-16; 8,27-28).....	41
2.2.2. O gritar (<i>anakrázô</i>) do homem «em espírito impuro» e outros gritos (1,23-28; 3,11-12; 5,2.7-8)	42
2.2.3. O dizer de Pedro (8,29-33; 9,2-6).....	45
2.2.4. O dizer do centurião (15,39).....	49
2.2.5. O dizer de Deus (Batismo e Transfiguração) (1,9-11; 9,7-9).....	50
2.2.6. O dizer de JESUS.....	53

2.2.6.1. «EU SOU» (14,61-62; 6,50; 13,5-6)	53
2.2.6.2. O Filho do Homem (8,31-32)	56
2.2.6.3. 'ABBA' (14,36)	57
2.2.7. O dizer-Outro (com pausa e bemol) do Espírito Santo (13,11).....	59
2.2.8. O dizer do jovem vestido de branco (16,1-7).....	61
2.2.9. O não-dizer das mulheres (16,8)	63
2.3. Textos-chave	65
2.3.1. A «Jornada de Cafarnaum» (1,21-39).....	66
2.3.2. Parábola da semente / pão / paixão / ensinados e não compreendidos.....	69
2.3.2.1. A semente semeada (4,1-13)	71
2.3.2.2. O pão recebido, bendito, partido e dado. A «secção dos pães» (6,30-8,26).....	73
2.3.2.2.1. Primeira «multiplicação» dos pães em mundo judaico (6,34b-44).....	75
2.3.2.2.2. Na BARCA, no mar, sem ELE (6,45-52)	78
2.3.2.2.2.1. Um timoneiro de luxo (4,35-41).....	82
2.3.2.2.3. Segunda «multiplicação» dos pães em mundo pagão (8,1-10)	85
2.3.2.2.4. Na BARCA, no mar, com ELE (8,13-21)	87
2.3.2.2.5. A importância do coração (7,14-23)	89
2.3.2.2.6. A mulher siro-fenícia (7,24-30)	93
2.3.2.3. A paixão do Filho do Homem (8,31-33; 9,31-32; 10,32-34; 14,12-15,47)	94

CAPÍTULO III

QUEM É O DISCÍPULO DE JESUS E COMO TORNAR-SE DISCÍPULO DE JESUS? À PROCURA DA IDENTIDADE DO DISCÍPULO DE JESUS

3.1. Vir «atrás de Mim» / «seguir-Me» (1,16-20; 2,13-15)	97
3.2. «Estar com Ele» (3,13-15)	101

3.3. Seguimento de Jesus «no caminho» (8,27–10,52).....	102
3.4. O cego de Betsaida Julia ou a lição da cura gradual (8,22-26)	104
3.5. O cego de Jericó, exemplo de discípulo no caminho do Filho do Homem (10,46-52)	106
3.5.1. Os filhos de Zebedeu à luz do cego de Jericó (10,35-45)	111
3.5.2. O Homem rico à luz do cego de Jericó (10,17-22)	115
3.5.3. A viúva pobre que dá a sua vida toda à luz do cego de Jericó (12,41-44)	116
3.5.4. A dádiva total da mulher anónima de Betânia à luz do cego de Jericó (14,3-9)	117
3.6. A figueira e o Templo só com folhas ainda à luz do cego de Jericó (11,1-25).....	119
3.7. A negação de uma intimidade (14,18-20.27-31.66-72)..	123
Anexo: «Secção dos pães» (6,30–8,26)	128